

A LONGA NOITE DE WILLIAM WILSON

ou HUMPREY BOGART VS EDGAR ALLAN POE

- Variações dementes para o conto "Traz outro amigo também", de Yves Robert -
Edson Bueno

1

WILLIAM - **(Para a plateia, enquanto René está sentado, esperando...)** - Loucos. Loucos existem de todos os tipos, todos nós sabemos, mas... Como eu poderia dizer? É raro um louco que reconheça em si mesmo a loucura. Conheci uma vez, uma louca que em seus momentos de maior delírio escrevia com batom na janela de sua casa: "covil da louca!". Uma louca de respeito. Admirável! Pois então, neste momento eu deveria escrever com tinta preta em minha porta: "escritório de loucos e para loucos!" Garanto-lhes que seria bem mais coerente. Ao invés de uma placa com os dizeres "Detetive Particular", uma outra com os dizeres "Louco Sem Noção - Arrisca-se a entrar? Fique à vontade!". Com certeza seria mais honesto. Digo-lhes e creiam: um de nós é louco - eu e aquele homem ali sentado. Ou nós dois somos loucos! Ou só eu sou louco! Fato é que estou eu aqui falando no futuro, não no presente, porque sou, neste momento, alguém sem noção da realidade em função de uma única frase! Uma frase proferida de chofre, sem defesa, impiedosa e veloz! Uma só! Uma frase misteriosa e surpreendente dita, sem cerimônia, por aquele senhor ali. Depois dela poderia tê-lo posto pra fora do meu escritório a pontapés! Poderia, mas não pude, porque havia um problema que me impedia de fazê-lo: eu já havia aceitado o dinheiro que ele tinha me oferecido! E daí que eu só conseguia pensar uma coisa: onde é que eu estava com a cabeça? Por que é que eu fui prometer-lhe uma coisa daquelas? Quem sou eu, irresponsável comigo mesmo! Mas aí eu pergunto a vocês, aí sem saber do que estamos falando: uma promessa feita a um louco é válida? Tentei me esquivar, recuperar a sanidade. Tentei, juro-lhes! **(Para René)** - Senhor, senhor, sem querer ofendê-lo... Nem me passa pela cabeça um desrespeito como tal, mas me parece que essa questão que me propõe não é bem da minha especialidade. É um assunto mais de... digamos de... de cunho psiquiátrico!

René está inerte.

WILLIAM - Ofendeu-se, senhor? Ora, não se ofenda! Não foi a minha intenção!

Pausa.

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Vai falar.

RENÉ - Meu caro amigo. Foi justamente o meu psiquiatra que me aconselhou a contatar um detetive particular!

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Definitivamente o homem estava louco!

RENÉ - E, além disso, o senhor já aceitou o dinheiro.

WILLIAM - (**Para a plateia**) - Aceitei.

RENÉ - Dinheiro que não foi pouco.

WILLIAM - É, não foi pouco. (**Para a plateia**) - Treze mil reais! Pouco? Muito? Depende das circunstâncias em que esse valor cai em suas mãos. É isso! Então, acho melhor darmos um sentido a esta história, antes que vocês vão embora ou se sintam tão malucos quanto eu. Pois bem, comecemos. Há quinze minutos eu estava ali, naquela mesma mesa, fazendo palavras cruzadas (**Mostra para a plateia, dezenas de revistinhas de palavras cruzadas**), que é o que mais tenho feito ultimamente. Quando ele entrou. Sorrateiro, devo dizer-lhes. Manso, suave, cuidadoso. Assustador! E olha que eu não sou um sujeito de me assustar com facilidade.

RENÉ - Boa tarde!

WILLIAM - Boa tarde!

RENÉ - Detetive particular?

WILLIAM - Ao seu dispor.

RENÉ - Meu nome é René Dupin!

WILLIAM - E o meu é William. William Wilson, conforme o senhor deve ter lido na porta.

RENÉ - Li. Mas parece que as últimas letras de seu nome e sobrenome caíram e o senhor não as repôs.

WILLIAM - É? Nossa! Não tinha percebido. Preciso mandar consertar rapidamente!

RENÉ - Então que achei que o senhor poderia se chamar Willia Wilso, o que seria original e... cômico.

WILLIAM - Se não fosse trágico.

RENÉ - Prazer.

WILLIAM - Prazer. WilliaM Wilson! (**Para a plateia**) - A intuição me dizia que a qualquer momento, por alguma razão que eu desconhecia, ele iria puxar uma arma e fulminar-me em segundos. Mal imaginava que a coisa era muito pior.

RENÉ - O senhor gosta de chás?

WILLIAM - Como?

RENÉ - Chás.

WILLIAM - Ah, chás! Sim, gosto, gosto muito.

RENÉ - Tem?

WILLIAM - Sim, claro. Quem não tem chás?

RENÉ - Então por que não me oferece uma xícara?

WILLIAM - Ah, sim. Claro! (**NT**) - Tem preferência?

RENÉ - Algum exótico?

WILLIAM - (**Com a caixa de chás**) - Gengibre e laranja. Que tal?

RENÉ - Excelente!

William providencia.

RENÉ - Há um pensamento inglês que diz: “Uma xícara de chá é uma dose extra de felicidade!”

WILLIAM - Interessante.

RENÉ - No passado os reis serviam chás para os convidados especiais.

WILLIAM - Verdade?

RENÉ - E os militares para aqueles que iam morrer no pelotão de fuzilamento.

Riem rapidamente.

WILLIAM - Imagino que o senhor não adoça seu chá.

RENÉ - Na mosca. Tomar chá com açúcar é quase uma heresia.

WILLIAM - Então tomarei sem açúcar.

RENÉ - Sinal de inteligência.

WILLIAM - De cortesia. Na verdade, odeio chá sem açúcar!

Riem novamente e tomam chá.

RENÉ - O senhor tem experiência em encontrar pessoas desaparecidas?

WILLIAM - Claro! É minha especialidade! **(Para a plateia)** - Menti!

RENÉ - Olhe, vou ser franco. O senhor não é o primeiro detetive que consulto. E, para ser completamente honesto, todos os seus colegas recusaram o meu caso. E como o senhor pode imaginar, estou começando a ficar cansado de bater à porta das agências de detetives desta cidade.

WILLIAM - Os casos difíceis também são a minha especialidade. **(Para a plateia)** - Menti mais uma vez!

RENÉ - Difícil, fácil! Como tudo na vida é uma questão de ponto de vista. E competência!

WILLIAM - É. **(Para a plateia)** - É claro que naquela altura dos acontecimentos ele já tinha percebido que a minha saúde financeira era a pior possível. Aluguel, água, luz... Tudo atrasado! E a minha saúde emocional não ficava atrás. Há dois meses não tinha conseguido um só cliente e há duas semanas, a mulher que eu mais amei na vida - Berenice! - desapareceu sem deixar vestígios. Iniciei uma investigação incansável, mas tudo inútil. Berenice sumiu, evaporou-se no tempo. Poderia imaginar que foi sequestrada ou morta. Sim, poderia, mas por quê? Era uma criatura doce, suave, quase inocente. Nos últimos dias tinha percebido que ela mudara, sei lá. Vi, furtivamente, em seu celular ligações estranhas, desconhecidas. E uma mensagem: “Berenice, não vejo a hora de rever você. Quando é que você vai criar coragem para dizer aquele idiota que você é minha?” Então ela já não era mais minha? E estava com medo de dizer adeus? Preferiu sair à francesa? Será? Deixou a minha vida como se abandona um cachorro na rua. **(NT)** - E a minha aparência - acho - estava um caco!

RENÉ - Vamos fazer o seguinte.

WILLIAM - Diga lá.

RENÉ - Preciso que encontre alguém. Se aceitar o caso já, sem saber os detalhes nem a identidade da pessoa em questão, passo-lhe, agora mesmo um cheque de dez mil reais. Esse dinheiro fica para o senhor independente dos resultados da sua investigação.

William tem um leve, mas visível, engasgo.

RENÉ - O senhor está bem?

WILLIAM - Sim, sim. Mais chá?

RENÉ - Mais um tanto.

WILLIAM - Vamos lá. (**Consulta a caixa de chás**) - Que tal morango e malva?

RENÉ - Perfeito!

William o serve.

RENÉ - Sem açúcar.

WILLIAM - Sem açúcar.

Riem sutilmente e (quase) cúmplices.

RENÉ - Como eu ia lhe dizendo.

WILLIAM - Quando eu lhe interrompi com o chá.

RENÉ - Boa interrupção.

WILLIAM - Obrigado.

RENÉ - Continuando. No caso de o senhor encontrar a pessoa em questão, dou-lhe mais setenta mil reais.

WILLIAM - Setenta mil reais?

RENÉ - Melhor! Dou-lhe oitenta e cinco mil reais! (**NT**) - Não, não precisa se engasgar. Estou sendo direto e sincero.

WILLIAM - Acredito.

RENÉ - Há uma condição.

WILLIAM - (**Para a plateia**) - Sempre há! Nada vem de graça! (**Para René**) - Pois diga.

RENÉ - A única condição é: se aceitar agora o meu cheque, já não pode voltar atrás.

Pequena pausa.

RENÉ - Fui claro?

Outra pequena pausa.

WILLIAM - Bastante claro.

RENÉ - Ótimo!

WILLIAM - Mas diga-me uma coisa.

RENÉ - Sim.

WILLIAM - O que lhe garante que não fico com os dez mil reais sem fazer qualquer investigação?

RENÉ - Porque o senhor vai prometer-me sobre a sua honra que empregará todos os seus recursos e fará o seu melhor para encontrar essa pessoa. O que me diz?

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Eu não tinha como recusar. Não tinha! Para os senhores terem uma ideia, eu ainda não tinha almoçado e meu café da manhã tinha sido um pedaço de pão seco com uma xícara de chá sem açúcar! O problema é que tudo aquilo me cheirava a coisa de origem duvidosa, obscura. Trapaça, logro. E dos grandes! Resolvi apalpar um pouco o terreno. **(Para René)** - Como o senhor deve saber, as despesas de investigação são pagas à parte.

RENÉ - Sem dúvidas! Aliás, quero que fique bem claro que o senhor não deve poupar nas despesas. Nem que tenha que ir até o fim do mundo, eu cubro todos os custos.

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Mau. Aquilo era muito mau! **(Para René)** - Trata-se de algo ilegal?

RENÉ - Não. Longe disso.

WILLIAM - Então?

RENÉ - Confesso que é um caso pouco comum, mas eu lhe garanto que não é nada fora da lei.

WILLIAM - Um instante. **(Levanta-se)** - Mais chá?

RENÉ - Não, obrigado. Estou satisfeito e ansioso por sua resposta.

WILLIAM - Um instante. **(Afasta-se um pouco e fala consigo mesmo)** - Que mais posso eu fazer? É verdade, alguma coisa não me cheira bem, mas quando eu olho para os cantos deste meu escritório e vejo o acúmulo do pó, as teias de aranha acumulando-se. Ainda bem que ele não pediu para ir ao banheiro, seria uma vexame! E há três dias que não almoço, só janto. E ontem jantei uma rala sopa de cebola que, graças aos céus, me custou apenas três reais. Emagreci cinco quilos nas últimas semanas. Então, William? O que você me diz? Eu? Que digo? É tão óbvio. Nas atuais circunstâncias seria quase imoral recusar uma quantia dessas. Dez mil já e oitenta e cinco mil daqui a pouco! Se você recusar, vai daqui, direto para o hospital de loucos! **(Para a plateia)** - Suspirei. **(Para René)** - Pois bem, aceito.

RENÉ - Ótimo! E promete que, quando lhe revelar a identidade do desaparecido, não voltará atrás, e fará o seu melhor para encontrá-lo?

WILLIAM - Prometo. Quer que assine algum papel?

RENÉ - Não, meu caro amigo. Basta um simples aperto de mão.

Apertam as mãos. René senta-se e assina o cheque. Destaca e entrega-o a William.

RENÉ - Acrescento um bônus em dinheiro ao adiantamento. Dez mil reais em cheque e mais três mil reais em dinheiro. Tome. Pode conferir.

WILLIAM - Não há necessidade.

RENÉ - Treze mil reais ao todo.

WILLIAM - Obrigado.

RENÉ - Eu tenho quase certeza de que o senhor merece.

William, bastante emocionado, guarda o cheque e o dinheiro.

RENÉ - Então, completadas estas pequenas formalidades, passo a revelar-lhe quem é a pessoa cujo paradeiro quero que descubra.

Pausa.

WILLIAM - Diga.

Pausa.

RENÉ - Quero que encontre o meu amigo imaginário de infância.

WILLIAM - **(Para a plateia)** - O quê?

RENÉ - Desapareceu quando eu tinha cinco anos e, desde então, nunca mais o vi.

WILLIAM - **(Para René)** - O quê?

RENÉ - O meu amigo imaginário de infância. Não me diga que nunca teve um amigo imaginário quando era menino.

WILLIAM - Eu?

RENÉ - Você!

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Por acaso, até tive. Era um grande coelho azul chamado Tobias. Mas isso, agora, não vinha ao caso. **(Para René)** - O senhor não está falando sério!

RENÉ - Seríssimo!

WILLIAM - O senhor só pode estar brincando!

RENÉ - Pois foi exatamente o que me responderam os seus colegas. Isso antes de me porem na rua, uns de forma mais educada, outros de forma bem truculenta. Compreende, agora, porque exigi que aceitasse o caso antes de conhecer os detalhes? Acho que não preciso lembrá-lo de que acabamos de celebrar um contrato, pois não?

Pausa.

WILLIAM - Desculpe-me, mas gostaria que o senhor esclarecesse uma coisa.

RENÉ - Diga.

WILLIAM - O seu psiquiatra disse-lhe assim, sem mais nem menos, para contratar um detetive particular?

RENÉ - Sim. Foi depois de uma sessão em que ele sugeriu que eu voltasse a restabelecer o contato com meu amigo imaginário. Aquilo abalou-me bastante, porque, por mais que tentasse, não consegui. Quando ia sair, perguntei ao doutor se ele tinha alguma sugestão. Foi quando ele respondeu: "Se for o caso, você devia contratar um detetive particular".

WILLIAM - Um outro instante. **(Para a plateia)** - Três conclusões! Primeira: agora, pelo menos, as coisas fazem mais sentido. Segunda: o psiquiatra estava brincando, claro!

Terceira: este sujeito não tem o menor senso de humor e é bem por isso que o seu amigo imaginário o abandonou. Tenho certeza! **(Para René) - Voltei.**

RENÉ - Ótimo!

WILLIAM - Ouça, se o seu amigo é imaginário, como a própria palavra indica, é fruto da sua imaginação. Ora, meu senhor, eu não posso entrar dentro da sua imaginação!

RENÉ - Meu caro amigo, a partir do momento em que aceitou este caso, as questões semânticas e metafísicas passaram a ser problema seu.

William suspira. René permanece calmo. William procura alguma coisa em sua gaveta. Acha. Um bloco de notas. Coloca sobre a mesa.

WILLIAM - Chá?

RENÉ - Não, obrigado.

WILLIAM - Pois eu quero. **(Vai até a caixa de chá) -** Amarula, brócolis e whisky! Ótimo. **(Volta para a mesa com a xícara) -** Com açúcar! **(Bebe um pouco e pega o bloco de notas e uma caneta) -** Muito bem. Pode me fazer uma descrição detalhada do seu amigo imaginário, assim como as circunstâncias em que o viu pela última vez?

RENÉ - Com certeza. O nome dele é Cornélio. É um palhaço com um chapéu branco em bico, calças verdes muito largas, um casaco justo violeta com um malmequer na lapela e cabelo encaracolado da mesma cor que as calças. A última vez que o vi estava brincando na praça em frente à nossa casa. O meu pai me chamou para dentro, pois queria ter uma conversa séria comigo. Quando voltei, Cornélio tinha desaparecido, e nunca mais o vi. Nunca mais. Ah, é verdade! Cornélio andava sempre com um acordeon e tocava muito, muito bem.

Toca o celular de William.

WILLIAM - Um instante. **(Atendendo ansioso) -** Alô! É você, Berenice? É você? Berenice... Berenice! **(O Sr. René Dupin, suavemente se levanta e vai embora sem que William perceba) -** Berenice, eu sei que é você. Você está tentando me deixar maluco, mas, por favor, fale comigo. Não ligue pra mim e fique muda do outro lado. Escuta, agora não posso falar com você, estou com um cliente. Mas, por favor... Berenice, Berenice... É você? ... Berenice! Desligou. **(Volta-se para o Sr. René que já se foi) -** Senhor René! **(Vai até a porta) -** Senhor René, volte aqui! Há muitas coisas que o senhor precisa me esclarecer! Senhor René!!!

2

Horas depois...

WILLIAM - **(Para a plateia) -** Tentei ver o lado bom da coisa. Pelo menos economicamente, eu poderia respirar aliviado. E depois da visita do senhor René Dupin

recebi um novo telefonema. Anônimo. Tão misterioso quanto o anterior. Alguém dizia ter notícias sobre Berenice. Tentei saber se era um sequestro ou o quê, mas a voz só me disse para estar em determinada cidade, em determinado lugar e em determinada hora, a fim de saber mais do caso. Como eu poderia recusar? Nem discuti. Desliguei o telefone e me atirei para uma cidade distante 200 quilômetros daqui. A tal voz pediu-me para esperar um sujeito com tapa olho e cartola que me encontraria na praça principal, em frente à catedral metropolitana. E assim o fiz. Chegando a tal praça, me sentei em um banco e fiz o que constitui o básico da minha profissão: esperei. Por quatro horas. Foi quando, sabe-se lá por que, iniciou-se um distúrbio de proporções assustadoras. Manifestantes, acho que grevistas entraram em confronto com a polícia ali, na minha frente! E foi um quebra-quebra geral. Gás lacrimogêneo, balas de borracha e pedras atiradas para todos os lados. Lojas depredadas e até um vitral da igreja foi para o bebeléu. Tudo durou aproximadamente meia hora e eu me protegi dentro da igreja. Ao final a praça parecia uma cena de pós guerra e o tal senhor com tapa olho e bengala não apareceu. Me senti no apocalipse pagando algum pecado que não cometi. Um trote? Um jogo sujo? Um equívoco? Não podia saber e a ansiedade sobre o paradeiro de Berenice continuaria a me atormentar. Sentei-me num bar de esquina, com mesas na rua, para tomar uns copos de cerveja e relaxar. Fracassos e decepções também fazem parte do meu trabalho e quando o assunto é o amor, pior ainda. Foi quando o celular tocou. Olhei. Número desconhecido. Berenice não era, porque eu sei qual é o número dela. Mas... E se ela estivesse ligando de um número desconhecido? E se ela foi sequestrada e, finalmente, o sequestrador decidiu fazer contato? Berenice! Berenice! E se for você, arrependida por ter me abandonado e implorando pra voltar? Atendo! **(ATENDENDO)** - Alô! Berenice?

RENÉ - Berenice? Que Berenice? Claro que não.

WILLIAM - Não? E quem é? O sequestrador? O amante?

RENÉ - Também não. Não reconhece a minha voz?

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Seria mesmo? Seria mesmo quem eu imaginava que era?

RENÉ - Então?

WILLIAM - Senhor René Dupin?

RENÉ - Na mosca!

WILLIAM - Em que posso ajudá-lo?

RENÉ - Estou telefonando para saber como andam as investigações. Já tem alguma novidade para mim?

WILLIAM - Ainda não, mas fique tranquilo, estou tratando da coisa com o maior cuidado.

RENÉ - Numa cidade distante 200 quilômetros da sua?

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Quê? **(Para René)** - Quê? Dá pra repetir?

RENÉ - Não é verdade que o senhor está numa cidade distante 200 quilômetros do seu escritório?

WILLIAM - Sim, é verdade, mas e daí?

RENÉ - Ouvi dizer que houve algum rebuliço na praça, com pancadaria e polícia. Verdade?

WILLIAM – Verdade, mas...

RENÉ – Fiquei preocupado com o senhor. A sua integridade física é a certeza do meu caso resolvido.

WILLIAM – Obrigado, mas...

RENÉ – Tenho certeza que o senhor está colocando todos os seus esforços no MEU caso.

WILLIAM – Sem dúvida, mas...

RENÉ – Vamos ver como está sua memória. Como é o nome do meu amigo imaginário?

WILLIAM – O quê?

RENÉ – O nome do meu amigo imaginário. Começa com C.

WILLIAM – C?

RENÉ – Termina com O.

WILLIAM – O? (**Procurando desesperadamente as anotações no bloco que tira do bolso**) - Sei, claro que sei, mas sabe como é, não dormi muito bem esta noite.

RENÉ – Daqui a pouco vou começar a crer que o senhor pode não estar dando a devida importância a um caso pelo qual recebeu tanto dinheiro.

WILLIAM – Não. Não é isso! (**LÊ**) – Ah, lembrei: Tobias!

RENÉ – Tobias?

WILLIAM – Não, não! Tobias não começa com C, nem termina com O. É Cornélio! Cornélio é o nome do seu amigo imaginário.

RENÉ – E quem é Tobias?

WILLIAM – Tobias é o meu amigo imaginário.

RENÉ – E o senhor também tem um?

WILLIAM – Não. Que, que é isso? Fiquei confuso. Tobias é o nome de um detetive amigo meu. Falecido. Coitado, levou um tiro de um amante pegado no ato.

RENÉ – Coitado mesmo. Hoje em dia as pessoas são assassinadas pelas razões mais banais. Desaparecem e nunca mais ninguém tem notícias delas. Um horror.

WILLIAM – É. Pobre Tobias. Ele não merecia.

RENÉ – O senhor tem medo de morrer, senhor William?

WILLIAM – Eu? Nem mais, nem menos que todo mundo.

Pequena pausa.

RENÉ – Mas agora parece estar tudo bem.

WILLIAM – Tudo muito bem.

RENÉ – Então não o incomodo mais.

Desliga.

WILLIAM – Filho da mãe! (**Olha, desconfiado, para todos os lados**) – Com certeza esse desgraçado contratou outro detetive para me seguir. É isso! É isso! Esse senhor René Dupin é um especialista! E como é que eu faço? Amigo imaginário! Amigo imaginário! Tenho que confessar que não faço ainda a menor ideia de como abordar essa maldita investigação. O amigo imaginário! Como? Como? Como? E como é que vou fingir que

estou investigando? Mais complicado ainda. Como? Como? Como? Devolver o dinheiro é que não posso. Sim, porque agora um novo elemento se incorpora ao caso. Sabe-se lá o que esse sujeito insano é capaz de fazer só por vingança. Ele parece ser bem o tipo de pessoa com altos contatos e poder suficiente para me arruinar! Sou um sujeito atento, rápido, concentrado e não vi ninguém me seguir até aqui. Então que esse senhor René Dupin é dos bons e eu estou numa enrascada daquelas!

Toca o telefone e ele atende sem sequer olhar o visor.

WILLIAM - Alô! Que é agora Senhor Dupin? Alô? Alô! Berenice? É você, meu amor? Alô! Alô! Berenice! **(Desiste)** - Desligou. **(NT)** - Por todos os deuses, agora me ocorreu uma coisa assustadora: se existe um amigo imaginário, pode muito bem existir um inimigo imaginário!

3

... mais tarde.

William e René estão frente a frente.

WILLIAM - Como o senhor chegou até aqui?

RENÉ - De taxi!

WILLIAM - Como o senhor sabia que eu estava aqui a esta hora?

RENÉ - Sabia.

WILLIAM - São onze horas da noite!

RENÉ - Onze e dezoito.

WILLIAM - Como o senhor sabe?

RENÉ - Porque eu tenho relógio.

WILLIAM - Não! Como o senhor sabe tanto de mim?

RENÉ - O senhor não é uma pessoa tão misteriosa, apesar de sua profissão.

WILLIAM - E o senhor acha que as coisas se resolvem do dia para a noite? O seu amigo imaginário desapareceu quando o senhor tinha cinco anos e só agora o senhor me procura?

RENÉ - Quando Cornélio desapareceu o senhor ainda nem tinha nascido. Era impossível procurá-lo!

WILLIAM - Mais de cinquenta anos! Um mistério que, com certeza, já prescreveu!

RENÉ - Mas o senhor me garantiu que era um especialista em casos difíceis!

WILLIAM - É. Disse.

RENÉ - E que tinha larga experiência em pessoas desaparecidas!

WILLIAM - E tenho.

RENÉ - Então?

WILLIAM - Pessoas desaparecidas! Eu disse “pessoas”, entende? Um palhaço de chapéu branco e calças verdes muito largas, fruto da imaginação de um menino de cinco anos não é o que se pode chamar de “pessoa”. Concorda?

RENÉ - O senhor está se revelando uma personalidade insensível e arrogante!

WILLIAM - Com muito esforço, tenho que admitir.

RENÉ - E está fedendo a álcool!

WILLIAM - Whisky! Aceita uma ou duas ou três doses?

RENÉ - Estou, sinceramente, chocado!

WILLIAM - Pois eu lhe digo: ao invés de ficar chocado, deveria tomar uma dose de whisky puro, comprado com o seu próprio dinheiro!

RENÉ - O senhor disse que tinha larga experiência em pessoas desaparecidas, mas não conseguiu reunir sequer uma mísera pista do desaparecimento de sua namorada Berenice!

WILLIAM - Berenice?

RENÉ - É. Berenice.

WILLIAM - E o que é que o senhor sabe dela?

RENÉ - Que se chama Berenice e foi sua namorada.

WILLIAM - E que mais?

RENÉ - Que sumiu.

WILLIAM - (**Afirmando, irônico**) - Quanta coisa o senhor sabe a meu respeito!

RENÉ - Não ia entregar o problema da minha vida a um qualquer.

WILLIAM - O que mais o senhor sabe?

RENÉ - O que eu sei não importa. Importa o que eu não sei. E eu não sei do paradeiro do meu amigo imaginário e já não consigo dormir à noite na expectativa de encontrá-lo um dia, graças aos seus esforços. Encontrá-lo, abraçá-lo, passar horas a fio conversando com ele, irmos juntos ao cinema, ao teatro. Rever “Pinóquio”, “Mary Poppins”, “Fantasia” ao lado do meu inesquecível amigo Cornélio. (**Emociona-se às lágrimas**) -

WILLIAM - O senhor gosta de Pinóquio?

RENÉ - Muito. Meu desenho favorito.

WILLIAM - Mais do que Mogli?

RENÉ - Mais.

WILLIAM - Mais do que Bambi?

RENÉ - Mais.

WILLIAM - Mais do que A Espada Era a Lei?

RENÉ - Mais.

WILLIAM - Realmente somos pessoas completamente diferentes.

RENÉ - Tenho certeza que você nunca derramou uma lágrima sequer no cinema.

WILLIAM - Engano seu. Só que não gosto muito de Pinóquio. É isso.

Pausa.

RENÉ - O senhor me perdoe. Pode não parecer, mas tenho um coração de esponja.

WILLIAM - Oras.

RENÉ - Para o senhor ver a importância desta investigação. Não quero morrer sem rever meu amigo imaginário. Não seria justo. E, além do mais, poderia mudar a minha vida completamente.

WILLIAM - E como o senhor pode ter tanta certeza de que eu vou conseguir encontrar o seu amigo Cornélio?

RENÉ - Porque eu leio nos seus olhos! Eu tenho certeza de que o senhor tem a solução para este mistério. Pense, senhor William! Pense! Ele tinha um malmequer na lapela e cabelo encaracolado da mesma cor que as calças verdes! E tocava acordeon maravilhosamente

WILLIAM - E se eu não o encontrar? É uma possibilidade a se considerar! Não?

RENÉ - Se não o encontrar é porque não quis! É isso! Porque não quis! **(NT)** - Qual é, senhor William Wilson, a máxima principal de um detetive particular? Aquela que determina toda uma vida dedicada a desvendar mistérios?

WILLIAM - Sei do que o senhor está falando.

RENÉ - Então? Qual é?

WILLIAM - Não existe crime perfeito.

RENÉ - Exato! **(NT)** - Agora vou indo senhor detetive particular! Se o senhor olhar sobre a sua mesa verá que deixei mais um adiantamento. Cinco mil reais! É preciso ser muito competente e profissional para receber adiantado um dinheiro tão volumoso. Senhor William Wilson, aceita um conselho?

WILLIAM - Diga lá!

RENÉ - Beba, mas não se afunde no álcool. E digo mais: tenho absoluta certeza de que o senhor há de encontrar uma solução para o mistério do meu amigo Cornélio. Até logo! **(Vai até a porta)** - Wilson!

WILLIAM - Quê?

RENÉ - Eu confio em você!

Sai.

William se serve de mais uma dose de whisky.

WILLIAM - **(Para a plateia)** - Às vezes um “eu confio em você!” pode muito bem soar como “eu condeno você!” E com uma facilidade assustadora. Perdoem-me se eu pareço enfadonho, mas pergunto: quantas vezes Berenice me disse “eu confio em você”? E eu, acostumadíssimo com enigmas e truques, de repente me vejo envolto em duas tramas de mistério. Uma mais insolúvel do que a outra. Essa é a verdade. A desgraça se apresenta sob muitos aspectos. O infortúnio sob muitos disfarces. Berenice e Cornélio. Dois mistérios. E pior! Tudo pode ser apenas um sonho dentro de um sonho dentro de um sonho.

Toca o celular. Ele olha.

WILLIAM - René Dupin! O que é que este sujeito quer mais, além de tirar o meu sono? **(Atende)** - Alô!

RENÉ - Alô.

WILLIAM - Senhor Dupin.

RENÉ - Na mosca.

WILLIAM - São aproximadamente 11 e 40 da noite, senhor Dupin! Eu estava me preparando para dormir.

RENÉ - Eu sei que você não dorme cedo. Chega a ver o sol nascer.

WILLIAM - Ah, sim. O senhor sabe de tudo.

RENÉ - Tenho que dizer-lhe uma coisa importante.

WILLIAM - Além de tudo o que o senhor disse há pouco?

RENÉ - Há pouco?

WILLIAM - É. Há pouco quando o senhor esteve aqui em meu escritório.

RENÉ - Mas, senhor William Wilson, eu não estive em seu escritório esta noite.

WILLIAM - Ah, senhor René, não me venha com truquinhos baratos. O senhor esteve aqui, convenceu-me mais uma vez de que eu seria a pessoa ideal para encontrar seu amigo imaginário, aconselhou-me a beber menos e deixou um cheque de cinco mil reais sobre a minha mesa.

RENÉ - Senhor Wilson, o senhor pode acreditar no que bem entender, mas nada disso aconteceu, garanto-lhe. Eu não estive em seu escritório hoje à noite.

WILLIAM - Como não? O cheque ainda está em cima da mesa. Aqui, olha! **(Vai até a mesa e não encontra nenhum cheque em cima dela)** - O quê? **(Ao Sr. René)** - Senhor Dupin, o senhor teve a coragem de me iludir com um cheque de cinco mil reais sobre a minha mesa e depois levá-lo de volta?

RENÉ - Se o senhor está precisando de adiantamento não vejo qualquer problema em dar-lhe um novo cheque de cinco mil reais, mas a verdade é que eu não estive em seu escritório, nem deixei qualquer cheque para o senhor.

WILLIAM - Senhor Dupin, o senhor quer me deixar louco?

RENÉ - Absolutamente!

WILLIAM - Então, se o senhor não esteve aqui hoje à noite, está me ligando por quê?

RENÉ - Para dar-lhe uma nova informação que poderá ajudá-lo nas investigações sobre Cornélio.

William esboça um sorriso irônico.

RENÉ - Não ria, senhor William! A coisa é séria.

WILLIAM - Ok, senhor René, faço o seu jogo. Qual é a informação?

RENÉ - Lembrei-me de que Cornélio tinha um outro amigo.

WILLIAM - Um amigo?

RENÉ - Sim. Outro amigo.

WILLIAM - De verdade ou imaginário?

RENÉ - Imaginário.

Pequena pausa.

WILLIAM – E ele tinha nome? O senhor saberia descrevê-lo pra mim?

RENÉ – Cornélio me falou dele algumas vezes. Mas eu nunca o vi, então não posso descrevê-lo.

WILLIAM – E como se chamava?

RENÉ – Barnabé. Barnabé Fortunato.

Outra pequena pausa nervosa.

WILLIAM – E o que é o senhor Barnabé? Outro palhaço? Um urso de pelúcia? Um boneco de neve? Um astronauta? O quê?

RENÉ – Não sei.

WILLIAM – Espere, por favor, que eu vou apanhar meu bloco de anotações e uma caneta.

Vai até a mesa e pega o bloco e a caneta.

WILLIAM – Aquele picareta cheio de truques! Disse que tinha deixado um cheque de cinco mil reais! **(Ao telefone)** – Senhor René, preciso que o senhor lembre...! Senhor René? Onde o senhor está? Desligou? **(Quase gritando)** – Desligou??!! Desligou??!! Pois o senhor vai ver se, se livra de mim assim tão fácil! Ligo de volta! **(Liga e do outro lado uma gravação: “Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de mensagens e estará sujeita a cobrança após o sinal.” Desliga.)** – Filho da...! **(Para a plateia)** – Querem um conselho? Nunca aceitem um trabalho encomendado por um cliente mais misterioso que o próprio mistério a ser desvendado. É fria na certa!

Toca o telefone. Ele atende.

WILLIAM – Alô!

RENÉ – William Wilson, eu confio em você.

WILLIAM – Senhor René, responda rápido: qual seu desenho animado preferido da Disney?

RENÉ – Peter Pan.

WILLIAM – Filho da...

O telefone desliga.

WILLIAM – Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! O que este senhor René Dupin pretende? Me deixar louco? Coloca treze mil reais na minha mão, me promete mais uma bolada e depois fica inventando seres imaginários para me perseguirem com o claro intuito de me mandar para um hospício? **(Para a plateia)** – O que fariam vocês no meu lugar? Esse palhaço Cornélio tem toda a pinta de um personagem do Stephen King, é isso! A Coisa! E esse novo Barnabé parece saído de um filme tipo “Sexta-Feira 13” ou “Eu sei o que vocês fizeram no verão passado”. Aliás, o que foi que eu fiz no verão passado? No

verão passado, entre outras coisas, eu levei um oficial do exército ao suicídio depois que descobri – e provei! - pra ele que a sua mulher o traía com o quartel inteiro. Do soldado ao coronel! Qual o tamanho de um pecado destes na caderneta de Deus? E se o senhor Dupin é, na verdade, Deus que veio a Terra na figura do diabo só pra me infernizar a vida enquanto não morro e vou para o inferno? O inferno são os outros. O inferno é o senhor Dupin e a minha ex-namorada Berenice! E pior? E se eu morri e estou no inferno? Isso! E se não foi Berenice que desapareceu, mas eu que morri e desapareci da vida dela? Que horror!

Toca a campainha!

WILLIAM – A campainha? Quem viria me procurar perto da meia-noite? (**Olha no relógio**) – Meia-noite!

Toca a campainha!

WILLIAM – Jason? Freddy Krueger? Mike Meyers?

Toca a campainha!

WILLIAM – Já vai!

Ele vai até a porta e olha pelo visor.

WILLIAM – Nenhum deles.

Toca a campainha. Abre a porta. Entra um sujeito. Tapa olho e cartola. Estranhíssimo!

SUJEITO – Boa noite!

WILLIAM – Boa noite.

SUJEITO – Posso entrar?

WILLIAM – Se vier com boas intenções.

SUJEITO – As melhores.

WILLIAM – Então entre.

O sujeito entra.

SUJEITO – “Em certo dia, à hora, à hora da meia-noite que apavora...”

WILLIAM – Como?

SUJEITO – Nada importante. Desculpe procurá-lo tão tarde da noite.

WILLIAM – Nenhum problema. Nunca durmo antes das cinco.

SUJEITO - O senhor é o detetive particular William Wilson, se não me engano?

WILLIAM – Exato.

SUJEITO – Prazer. Meu nome é Barnabé! Barnabé Fortunato.

WILLIAM – Como?

SUJEITO – Barnabé Fortunato.

WILLIAM – Pode repetir?

BARNABÉ – Barnabé Fortunato.

WILLIAM – Senhor Barnabé, nós já não estivemos frente a frente em algum momento de nossas vidas?

BARNABÉ – Tenho certeza que não.

WILLIAM – Um instante, por favor. Com licença. **(Para a plateia)** – Aqui uma dúvida! Arrisco a pergunta? A pergunta fatal? Aquela que, definitivamente, pode levar esta história para o vórtice da demência. Pergunto ou não pergunto? **(Pequena pausa)** – Ok. Li seus pensamentos. Pergunto. **(Volta para Barnabé)** – Senhor Barnabé, preciso que o senhor me responda uma questão sem pestanejar.

BARNABÉ – À vontade.

WILLIAM – O senhor é de verdade ou imaginário?

Pequena pausa.

BARNABÉ – Imaginário.

WILLIAM – **(Para a plateia)** – O que eu temia. **(NT)** – Whisky! Whisky! Preciso de uma dose dupla de whisky sem gelo! E se bobear, bebo num gole só.

BARNABÉ – O senhor deve estar se perguntando o que me trouxe aqui justo à meia-noite.

WILLIAM – Na verdade eu estou me fazendo mil e uma outras perguntas, mas todas elas, com certeza, provocariam respostas muito piores do que a minha saúde mental pode suportar. Então, não pergunto!

BARNABÉ – Intuição.

WILLIAM – Intuição imaginária!

BARNABÉ – Sexto sentido.

WILLIAM – Pois é. Estamos envolvidos num redemoinho de intuições e reviravoltas. É o caos e eu vou tomar mais uma dose de whisky! Não se preocupe, demoro muito para ficar bêbado! **(Serve-se.)**

BARNABÉ – O senhor já está bêbado!

WILLIAM – Uma pergunta só, senhor Barnabé Fortunato. Uma só. Depois seja o que Deus quiser. Ou o que quiser o tal René Dupin.

BARNABÉ – Mande.

WILLIAM – O senhor por acaso conhece um palhaço com calça e cabelos verdes?

Pausa.

WILLIAM – Não. Não me diga que a pergunta o surpreende porque aí eu vou achar que, definitivamente, me afundei num episódio da Quinta Dimensão! É isso?

BARNABÉ – Acho que não.

WILLIAM – Senhor Barnabé, estou à procura do amigo imaginário de um cliente meu, o senhor René Dupin. É um palhaço com cabelos verdes, casaco violeta e chapéu branco. Chama-se Cornélio. O senhor, por acaso, não sabe onde o posso encontrar?

Pequena pausa.

BARNABÉ – O senhor já tentou num circo?

WILLIAM – Engraçadinho!

BARNABÉ – Mas eu tenho um amigo que talvez possa ajudar.

WILLIAM – Quem?

BARNABÉ – Roderick.

WILLIAM – No caso?

BARNABÉ – Imaginário.

WILLIAM – Ótimo! Era tudo o que eu precisava!

BARNABÉ – Um sujeito muito bem relacionado.

WILLIAM – Com outros amigos imaginários, imagino.

BARNABÉ – Exato! Eu lhe garanto, senhor William! Se o senhor encontrar Roderick, vai encontrar o amigo imaginário que procura.

WILLIAM – Melhor impossível! (NT) – E como fazemos para encontrá-lo?

BARNABÉ – Simples, não percebe?

WILLIAM – Imaginando, claro! Como eu sou imbecil! Se é um amigo imaginário, a melhor forma de encontrá-lo é imaginando. Aqui uma dúvida: e quem imagina? Eu ou o senhor?

BARNABÉ – O que o senhor acha?

WILLIAM – Eu, claro! Como é que um ser imaginário vai imaginar se ele já é imaginário. Quem tem que imaginar um ser imaginário tem que ser um demente descontrolado como eu. Estou certo?

BARNABÉ – Certíssimo! A não ser, é claro, que o senhor não tenha imaginação.

WILLIAM – Senhor Barnabé, eu sou um detetive particular. Trabalho com fatos, evidências, provas! O senhor não vai querer que eu faça de conta, por exemplo, que o senhor existe! Seria assinar uma declaração de incapacidade profissional.

BARNABÉ – Um grande desafio para quem tem que encontrar o amigo imaginário de um cliente.

WILLIAM – Um grande desafio que eu não sei direito aonde vai... Espere aí!

BARNABÉ – O quê?

WILLIAM – Espere aí! Espere aí!

BARNABÉ – O quê?

WILLIAM – O senhor pode repetir sua última frase, por favor?

BARNABÉ – Um grande desafio para quem tem que encontrar o amigo imaginário de um cliente.

WILLIAM – Faltou o senhor acrescentar uma palavrinha à sua constatação.

BARNABÉ – Qual?

WILLIAM – Um grande desafio para quem tem que encontrar o amigo imaginário de um cliente... *imaginário!* Percebeu? Eureka! Eureka! O senhor caiu do céu, senhor Barnabé. É para isso que o senhor apareceu à meia-noite, para que eu chegasse à conclusão salvadora.

BARNABÉ – Qual?

WILLIAM – E se o senhor René Dupin for um ser imaginário? Hein? É por isso que ele sabe tudo de mim. Onde eu estou, com quem eu estou, sabe das minhas dúvidas, fraquezas, frustrações. Sabe tudo pela simples razão de que o senhor René Dupin é um ser imaginário. Em outras palavras, o senhor René Dupin não existe!

Toca o telefone. William exita. O telefone toca novamente.

BARNABÉ – Senhor William Wilson, o senhor tem coragem de atender este telefone?

Toca o telefone.

WILLIAM – Acho que não.

Toca o telefone.

BARNABÉ – Por quê?

WILLIAM – Pode ser o senhor René Dupin.

BARNABÉ – Mas o senhor René Dupin não existe.

WILLIAM – É.

BARNABÉ – O senhor René Dupin não existe e eu existo, é isso?

WILLIAM – Isso. Você existe e ele não.

Toca o telefone.

BARNABÉ – Então, por que é que você não atende ao telefone?

WILLIAM – Porque também pode ser a Berenice e neste momento eu não tenho a menor possibilidade de discutir a relação com ela.

BARNABÉ – Por quê?

WILLIAM – Porque eu posso gaguejar e chorar. E ela pode achar que eu fiquei louco e desistir de mim definitivamente.

Toca o telefone.

BARNABÉ – Senhor William, eu estou indo embora. Não tenho mais nada a fazer aqui.

WILLIAM – Mas...

BARNABÉ – Deixei o número do telefone do meu amigo Roderick sobre a mesa. Não será difícil para o senhor contatá-lo.

WILLIAM – Mas...

BARNABÉ – E tenho mais uma coisa a lhe dizer.

WILLIAM – O quê?

BARNABÉ – Sua amante, Berenice, está mais perto do que o senhor imagina... E ao mesmo tempo mais longe do que o senhor sonha.

WILLIAM – Mas...

BARNABÉ – Tenha uma boa madrugada.

Toca o telefone.

WILLIAM – O telefone?

BARNABÉ – É alguém que chama! Há de ser isso e nada mais.

Sai.

WILLIAM – Mas, senhor Barnabé!

Toca o telefone.

WILLIAM – **(Para a plateia)** – Agora eu tenho certeza: há uma quinta dimensão além daquelas conhecidas pelo homem. É uma dimensão tão vasta como... **(NT)** – Espera aí! O telefone parou de tocar. Parou. Como tudo! Agora eu sei que tudo não passou de imaginação. Não existe amigo imaginário Cornélio, não existe nenhum Barnabé Fortunato, não existe nenhum René Dupin e eu voltei a ser pobre e miserável, mas livre deste pesadelo. Tudo é imaginação! Só uma coisa é real: Berenice. Berenice e nada mais! **(Indo para a mesa)** – E se eu tivesse que me livrar de uma mínima suspeita era só olhar sobre a mesa. Aqui deveria ter um bilhete, que, claro, não há, porque tudo é imagin... **(Surpresa)** – O que é isso? **(Recolhe um papel branco sobre a mesa. Lê.)** “Roderick – 56778938. Boa sorte!” **(NT)** – Que é isso? Que é isso? **(Vê outro papel embaixo de um apoiador de anotações)** – E isso? O que é que é isso? **(Apanha o papel. Uma folha de cheque)** – Um cheque! Cinco mil reais! **(Lê)** – “A William Wilson”- Assinado René Dupin. **(Pega o cheque e dirige-se à plateia)** – Ok, René Dupin, você venceu! Fatos, evidências, provas! E pistas! A minha praia! E sinto muito, mas por mais insano que possa parecer, eu só tenho *uma* pista. Este número de telefone! Pois vamos descobrir se ele é de verdade ou fruto de alguma imaginação. **(Pega o telefone e disca)** – 56778938 - **(Para a plateia)** – Atendeu! – **(Ao telefone)** – Alô!? Com quem estou falando? Ah, sim. Ótimo! **(Para a plateia)** – É ele! **(Ao telefone)** – Quem me deu o seu telefone foi o senhor Barnabé Fortunato e ele disse que o senhor poderia me ajudar. Sim, sim... Entendo que o senhor esteja com pressa. Deve haver *muita* coisa para fazer no mundo encantado da imaginação. Mas a consulta é rápida, garanto! Meu nome é William Wilson, eu sou detetive particular e preciso que o senhor me responda uma única pergunta! E a pergunta é a seguinte: o senhor conhece um sujeito imaginário que é palhaço, tem cabelos e calça da cor verde e atende pelo nome de Cornélio? O que é que o senhor tem a dizer sobre isso? **(Ouve.... Ouve.... Ouve... Ouve... Ouve... Ouve...)** – Obrigado.

Obrigado por sua preciosa ajuda e colaboração. Senhor Roderick, o senhor é um maravilhoso informante imaginário e um colaborador inquestionável! **(Desliga o telefone)** – E eu sou o príncipe da Dinamarca! Ou o papa! Ou William Shakespeare! **(Para a plateia)** – Devo dizer-lhes que, pelo menos no que me diz respeito, esta história acaba aqui. Por favor, me dêem licença que eu vou até a minha mesa aguardar uma nova visita. Com licença.

Vai até a mesa, senta-se e espera.

WILLIAM – **(Para a plateia)** – Enquanto espero, que tal uma piada? Por favor, riam. Um detetive particular presta contas à sua cliente: “Segui o seu marido na noite passada, como a senhora pediu. Ele foi a três bares, quatro boates e um motel.”- “O quê? – grita a esposa, espantada – E o que esse desgraçado foi fazer em todos esses malditos lugares?” – “Não tenho certeza – respondeu o detetive. – Mas pelo que deduzi, ele estava seguindo a senhora...” – Engraçado, não? Grande parte do movimento da vida pode ser resumida em uma palavra: traição!

Toca a campainha.

WILLIAM – Pois bem. Vamos à solução deste caso.

Levanta-se. A campainha toca novamente. Ele abre a porta.

WILLIAM – Que bom que o senhor atendeu ao meu chamado. Não deve ter sido difícil ao senhor Roderick convencê-lo a tal. Pode entrar... Cornélio!

O Palhaço entra em cena.

WILLIAM – Foi difícil encontrar o meu escritório?

CORNÉLIO – Nada, nada. Foi só fazer assim! **(Estala os dedos!)**

WILLIAM – Na descrição do Senhor René Dupin, o senhor usava um casaco violeta.

CORNÉLIO – Coisa da idade. Sempre foi vermelho. Ele deve estar ficando gagá.

WILLIAM – E então, Cornélio, se eu pedisse ao senhor Dupin para vir aqui encontrá-lo o que o senhor faria?

CORNÉLIO – Faria assim. **(Estala dos dedos)** – E iria embora no mesmo instante.

WILLIAM – Por quê?

CORNÉLIO – Por que René Dupin é um homem sem imaginação! Uma criatura fria e calculista que não consegue enxergar um palmo diante do próprio nariz.

WILLIAM – Mas você o abandonou quando ele tinha cinco aninhos!

CORNÉLIO – E você acreditou numa mentira dessas? Ele me abandonou! Sucessivamente, gradativamente, sorratamente. A ponto de chegar um dia em que ele, chegando do trabalho, me encontrar em sua sala e nem notar a minha presença. Coloquei em prática todos os meus truques, todas as minhas palhaçarias, me fiz até de

mágico! Fiz desaparecer coisas, fiz surgir um elefante no meio da sala. Um elefante cor de rosa... Com bolinhas amarelas! E nada! Eu não existia mais para o senhor René Dupin! O mundo real era mais importante para ele. Foi então que eu decidi ir embora e nunca mais aparecer. Assim. **(estala os dedos!)**

WILLIAM - E quando foi isso?

CORNÉLIO - Há pouco mais de um ano!

WILLIAM - Filho da...!

CORNÉLIO - Quê?

WILLIAM - O senhor René Dupin é uma pessoa de mil caras! Ele me disse que o senhor desapareceu quando ele tinha cinco aninhos!

CORNÉLIO - Pode-se dizer que sim. Aos cinco anos ele me trocou, sem o menor constrangimento por um cavalo de madeira! E o cavalo nem sabia falar, mal e mal relinchava um som mecânico e grotesco! E aos dez anos deixou de conversar comigo por uma semana quando ganhou uma bicicleta. Disse que era só dele e que eu não poderia andar nem na garupa. Aos dezesseis decidi que seus amigos de verdade iriam considerá-lo um idiota se continuasse a falar comigo na frente dos outros e me proibiu de abrir a boca quando houvesse qualquer pessoa presente. Aos dezoito foi para o exército e não permitiu a minha entrada no quartel sob a alegação de que poderiam prendê-lo. Aos vinte e cinco, formado em administração, resolveu que a minha existência desviava a sua atenção de assuntos importantes que o levariam a ganhar muito dinheiro e vencer na vida. Aos trinta anos viu mil e uma incompatibilidades entre o mundo real e a minha presença fantasmagórica. Com medo de ser chamado de louco, René Dupin passou a me ignorar acintosamente. Aos quarenta anos eu parecia um mendigo, implorando um mínimo de atenção enquanto ele vivia em festas de amigos, viagens de negócios e transações comerciais. Ele era, enfim, um homem vitorioso e eu era um traste inútil. Aos cinquenta eu era um ser indesejável numa residência fria e sem graça. Nunca mais vi René Dupin ler um livro! Julio Verne, Alexandre Dumas, Poe, Kafka eram coisa do passado. Nem ir mais a uma peça de teatro ou ao cinema ou divertir-se com qualquer coisa que pedisse um mínimo de imaginação. René Dupin era uma criatura morta! A realidade nua e crua tomara conta da sua vida. Um certo dia, encontrei jogados em um cômodo qualquer da casa, seus brinquedos de criança: a patinete, a bicicleta, os jogos de armar, os carrinhos de madeira, o forte apache... E um boneco de pano... Um palhaço sujo e roto com um chapéu branco em bico, calças verdes muito largas e cabelo encaracolado da mesma cor que as calças. Estava rasgado e o recheio de palha já escapava pelos bolsos. **(Coloca a mão no bolso e tira um monte de palha dele. Coloca sobre a mesa)** - Perguntei a René Dupin porque ele tinha guardado aquilo tudo por tantos anos e ao invés de me dar uma resposta sincera e salvadora, ele fez de conta que eu nem existia. Simplesmente tacou fogo em tudo no fundo do quintal. E então que eu resolvi ir embora. Nunca mais ouvi falar de René Dupin, até que o senhor começou a perseguir o meu rastro.

WILLIAM - E o senhor é feliz longe do senhor René Dupin?

CORNÉLIO - Não. Não encontrei felicidade alguma em minha fuga. A realidade é cruel até para os seres imaginários. Aliás, acho que é pior até pra nós. Tenho procurado

incessantemente por um menino qualquer entre 3 e 12 anos que esteja interessado em adotar um amigo imaginário. Mas parece que os meninos não precisam mais de nós. Nem os meninos nem os adultos. De modo que eu sou um ser em absoluta extinção. Estou, inclusive, pensando em dar cabo da minha existência imaginária. Dramaticamente falando, estou cansado de vagar sem rumo, senhor William Wilson!

WILLIAM – Não! Não faça isso! Eu tenho certeza de que você vai encontrar um menino cheio de minhocas na cabeça, que vai adorar conversar com você dias inteiros. É só uma questão de tempo! As crianças ainda adoram os palhaços!

Cornélio solta um sorriso quase sarcástico.

WILLIAM – Como eu tenho que interpretar este seu sorriso?

CORNÉLIO – O senhor diz isso porque não olha para si próprio.

WILLIAM – Como? Não entendi.

CORNÉLIO – Não estamos mais falando de seres imaginários, William Wilson, mas de seres em extinção. O senhor, como eu, também é um ser em extinção. E é por isso que não tem aparecido nenhum cliente nos últimos meses. Aquela placa em frente à sua porta é um produto de fantasia. “Detetive Particular”! Os detetives particulares hoje são apenas personagens de filmes americanos em preto e branco. Filmes que ninguém mais assiste. Quem precisa de detetives particulares nestes tempos? O mundo está cheio de câmeras por todos os lados, as pessoas têm medo da verdade e preferem comprar a inventar! Olhe para mim, Sr. William Wilson! Olhe para o senhor! Somos o retrato da decadência! A vida segue muito bem sem qualquer um de nós. Quer que eu lhe diga mais uma coisa?

WILLIAM – Mais?

CORNÉLIO – Mais uma.

WILLIAM – Foda-se!

CORNÉLIO – Não sou só eu quem sou imaginário. O senhor também é. Uma criatura desesperadamente imaginária. Tão imaginária quanto inútil!

WILLIAM – E o senhor René Dupin?

CORNÉLIO – A essa altura dos acontecimentos deve estar jantando com uma mulher muito elegante em algum restaurante muito caro, depois irão para algum motel, terão uma noite de sexo casual e pela manhã, cada um para o seu lado! O Senhor René Dupin deve estar gastando seu dinheiro com realidades.

WILLIAM – E por que você acha que ele me procurou e me pagou para encontrá-lo?

CORNÉLIO – Desencargo de consciência. Deve estar procurando alguma esperança em meio ao seu universo concreto. O senhor Dupin também deve sentir uma profunda solidão quando chega em casa e percebe que nem todo o dinheiro do mundo pode comprar um minuto de prazer. Ele tem razão. Os homens precisam crescer e ficar adultos. E ficar adulto é compreender a natureza fria da realidade. (NT) – O senhor tem uma máquina fotográfica, senhor William?

WILLIAM – Tenho.

CORNÉLIO – Tire uma foto comigo. Para mostrar ao senhor René Dupin. Provar que o senhor me encontrou, conforme o combinado. Mas diga-lhe que nada neste mundo vai convencer-me a reencontrá-lo.

William trás sua maquina fotografica e fotografam-se.

CORNÉLIO – Xiss!!!

Batem a primeira foto.

WILLIAM – Mais uma pra garantir.

Batem a segunda foto.

CORNÉLIO – Como você pode ter certeza de que eu vou aparecer na foto?

WILLIAM – Intuição.

CORNÉLIO – Vou aparecer. (NT) – Boa noite, senhor William. Desejo-lhe melhor sorte.

WILLIAM – Boa noite.

Apertam-se as mãos.

Cornélio vai sair.

WILLIAM – Cornélio!

CORNÉLIO – Sim?

WILLIAM – E Berenice? Eu tenho certeza de que você sabe sobre o seu paradeiro.

CORNÉLIO – Sei. E você também sabe.

WILLIAM – Não sei.

CORNÉLIO – Sabe.

WILLIAM – Pode explicar?

CORNÉLIO – Berenice era seu amor imaginário. Você sabe muito bem, William Wilson, que ela nunca amou você. Que foi embora com outro, mais rico, mais lindo, mais moderno, mais promissor, mais amante. Melhor assim, William Wilson, pelo menos você não é mais traído. Esqueça Berenice, esqueça o Sr. René Dupin... E me esqueça.

WILLIAM – Como eu serei esquecido.

CORNÉLIO – Da mesma maneira. Simplesmente desapareceremos no ar, como mágica. Mas console-se. Philip Marlowe e Sam Spade também foram.

Cornélio sai.

WILLIAM – (Para a plateia) – Então que este caso terminou da maneira tão absurda como começou. E eu nunca acreditei que poderia ser diferente. Lidar com mulheres traidoras, ladrões de galinha, maridos ciumentos e gente sem graça nem romance sempre foi a minha praia. Mas eu devo confessar que sempre me imaginei como uma

figura romântica. Que um dia deixaria o cinema preto e branco e embarcaria para o colorido e para o 3D. Por que, não? Alguém quer whisky? Não, não aceitem. Eu não vou poder oferecer a todos, foi apenas uma gentileza. Enfim, antes que eu desapareça no ar como mágica, deixe-me dizer-lhes que tive uma vida muito divertida. Pelo menos na imaginação: mulheres fatais, assassinos misteriosos, tesouros inexplicáveis e amantes fogosas. Agora vou encher a cara e dormir e sonhar que amanhã o telefone vai tocar e um novo caso, vulgar ou charmoso, vai ocupar meu tempo. E que tudo o que vivi nesta noite foi um outro sonho idiota. Só isso.

Serve-se de whisky.

Toca a campainha.

WILLIAM – Aí, oh! Atendo ou não atendo?

Toca a campainha.

WILLIAM – Atendo. O que eu tenho a perder?

Toca a campainha. Ele abre a porta.

WILLIAM – Pois não? Entre.

Ele vai até a mesa, senta-se e espera o visitante entrar.

O visitante entra. É um grande Coelho Azul!

WILLIAM – Em que posso servi-lo?

COELHO – O senhor é Detetive Particular, não?

WILLIAM – É o que está escrito na porta.

COELHO – William Wilson.

WILLIAM – William Wilson.

COELHO – Pois então... O meu nome é Tobias e eu preciso que o senhor encontre uma pessoa. Topa a parada?

FIM

